

Experimentos e Práticas Coletivas Urbanas Insurgentes:

Neoliberalismo Urbano ou Vida em Comum?

Glória Cecília dos Santos Figueiredo (FAUFBA - UFBA, Lugar Comum)

RESUMO GERAL

As tendências hegemônicas do urbanismo corporativo e neoliberal seguem (re)estruturando as cidades latinoamericanas. Nesse contexto, a ação urbana governamental se fecha a deliberação dos cidadãos, seja por uma condução explicitamente autoritária ou pelos simulacros da participação institucional. Diante deste fechamento, as lutas e práticas coletivas de utopias experimentais na direção do direito à cidade podem jogar papel relevante na busca de alternativas para a construção do espaço, (re)abrindo possibilidades de ação pública e coletiva pelo viés do planejamento insurgente / radical / conflitual / autonomista / decolonial.

Com tal perspectiva, a sessão proposta articula um diálogo entre experiências de coletivos urbanos e pesquisadores-ativistas, desde diferentes cidades. Frente aos e apesar dos processos de vulnerabilização e precarização aos quais são submetidos(as) os(as) moradores(as), estes(as) reinventam de modo permanente estratégias de viabilização da vida. Suas práticas cotidianas expressam contra-racionalidades, conflitos, tensionamentos e brechas pelas quais atualizam-se as lógicas da necessidade e da solidariedade que articulam as suas condições de vida, através de mobilizações por demandas e direitos coletivos.

Interessa-nos refletir sobre espaços constituídos enquanto Comunidades de Aprendizagem e de Práticas coletivas, formados por uma heterogeneidade de agentes, afetados por processos de despossessão, vulnerabilização social e por outros regimes de dominação, mas que são também espaços imaginativos e de invenção, capazes de (re)criar sentidos comuns e imaginários urbanos outros, experimentando possibilidades insurgentes de existência social. Nesse sentido, importa aqui enfatizar a articulação de regimes de materiais e simbólicos, tanto como as dimensões subjetivas e representações encarnadas em práticas cotidianas, usos e apropriações que constituem e condicionam a Cidade e que são problematizadas nas experiências em tela. Nossa problematização traz as seguintes questões: quais as formas de vida coletiva que são mobilizadas e (re)conhecidas nesses espaços? E quais os sujeitos e territorialidades constituintes que se encontram e coexistem nos mesmos? Quais os conflitos e desafios que atravessam essas experiências?

Gostaríamos também de interrogar sobre os dispositivos de interconhecimento, engajados nesses espaços, trazendo para a discussão os diferentes modos de diálogo e coexistência entre os(as) agentes envolvidos(as). Como se (des)encontram, deslocam e

confrontam os saberes originados de experiências e vivências cotidianas dos habitantes, conhecimentos técnicos e científicos - e os próprios agentes participantes dessas experiências? Como acontece a construção comum de saberes e conhecimentos e a elaboração de sínteses? Quais os desafios enfrentados na vivência e construção dessas ações coletivas, orientadas pelo interconhecimento? Quais aprendizados mútuos entre os seus participantes, pela possibilidade de agir e conviver juntos?

Perícia Popular no Centro Histórico de Salvador: avaliação coletiva e espaços de experimentação e igualdade

Jecilda Maria da Cruz Mello (Associação de Moradores e Amigos do
Centro Histórico de Salvador - AMACH)

A Perícia Popular no Centro Histórico de Salvador refere-se à uma ação extensionista, envolvendo moradores(as), AMACH e UFBA. Concebida como instrumento avaliativo de situações de vida coletiva em contextos de vulnerabilização, provocados pela ação direta do Estado, a PP busca fortalecer uma maior autonomia dos habitantes demandantes de direitos sociais, frente ao Estado e ao Capital, nos embates, negociações e conflitos em torno da produção, acesso, uso e apropriação de bens públicos e coletivos e da cidade. A PP é um experimento coletivo que propõe uma nova "partilha do sensível", visando emergir uma cidade outra, justa e igualitária. É um espaço de possibilidades epistêmicas e políticas comprometido com questões menosprezadas/reprimidas pelas agendas dominantes, permitindo (re)imaginar e (re)compor a cidade. A PP corresponde à uma avaliação protagonizada por moradores(as) impactados(as) pelo descumprimento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), firmado em 2005, por intermédio do Ministério Público, que redefiniu as bases da 7ª Etapa do Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador, em resposta às mobilizações e lutas de moradores(as) organizados na AMACH. Esse acordo significou uma inflexão do processo violento, autoritário, segregador e racista, de expulsão, pelo Governo do Estado da Bahia, de cerca de 4 mil moradores(as) do Pelourinho nos anos 1990. O TAC foi considerado paradigmático, ao assegurar formalmente, a permanência e direitos sociais de 108 famílias. Contudo, após 12 anos da sua assinatura, o mesmo vem sendo descumprido, fragilizando a efetividade dos direitos sociais conquistados.

Acervo da Laje: História, Cultura e Beleza Visíveis do Subúrbio Ferroviário de Salvador

José Eduardo Ferreira Santos (Acervo da Laje)

O Acervo da Laje surgiu em 2011, fruto de pesquisas sobre a arte invisível dos trabalhadores nas periferias de Salvador. Esse espaço proporciona o encontro das pessoas com as obras e os artistas, resignificando a imagem da periferia, mostrando seus valores, memória, cultura e elaborações estéticas. Pensado e vivido como Casa-Museu-Escola, o Acervo aponta para novas direções sobre a função e o papel dos museus e suas relações

com as comunidades e suas populações, deslocando, em Salvador e no Brasil, a centralização histórica de tais espaços, sem representação nas periferias, sendo esta uma das rupturas que provoca. A arqueologia do Subúrbio Ferroviário feita através do Acervo da Laje traz a tona a memória dos invisíveis, que viveram, mas não tiveram direito a um nome e a uma história. É possível, sim, encontrar a nossa história ancestral nos territórios periféricos, pois ali há ainda a possibilidade de contar, assim, uma nova história. A vivência de muitos séculos estão escondidas aqui nos diversos espaços da nossa cidade. Olhar as praias, barrancos, lixos, depósitos e outros espaços tidos como “não-lugares”, isto é, vazios, mais que um novo olhar possibilita encontrar a beleza sob os nossos pés.

Corpo Pá: Práticas de Memória e Território

Cíntia Guedes Braga (EBA - UFRJ)

O Corpo Pá foi uma experiência de criação e autogestão de um espaço seguro para articulação, vivência e investigação interdisciplinar dos diferentes modos de aprender desde perspectivas anti-coloniais e comunitárias. Os encontros, envolvendo ativistas, defensoras, indígenas, quilombolas, negras, LGBTQI, pesquisadoras, artistas, educadoras, cuidadoras e ++, tiveram um caráter plástico, de trocas circulares de saberes e de metodologias de experimentação. Esse espaço coletivo indagou sobre o que acontece quando a teoria assenta, o saber habita o corpo, o corpo invade a escrita e os processos de aprendizado desembocam em processos vitais? O programa visitou o trabalho de ativistas e teóricos que habitam e pensam o sul-sul global, a partir de aproximações anti-coloniais, anti-racistas, feministas, terceiro mundistas, latino-americanas, pelo direito a terra e ao território, autonomistas, dentre outras, tendo como lastro o pensamento de Silvia Rivera Cusicanqui. O objetivo principal desses encontros foi o de incentivar trocas intensivas tocando as relações ancestrais entre corpo, memória, território e produção de conhecimento, abrindo-se para estratégias para encontrar a linguagem dos rituais, da dança, do sonho, do trabalho cênico, da ecologia, da arte, dentre outras, numa combinação da prática artística com a prática comunitária.

Habitat em Movimento: Investigação Itinerante sobre Produção Social do Habitat e Direito à Cidade na América do Sul

Pierre Arnold (Habitat International Coalition - HIC-AL)

Realizar uma investigação em movimento, compartilhar alguns dias com outras pessoas ou organizações que, de forma isolada e às vezes sem sabê-lo, participam de uma luta comum. Esta tem sido a metodologia da iniciativa autogestionada “Hábitat em Movimento”. Dois urbanistas franceses viajaram durante dez meses por dez países da América do Sul, documentando iniciativas de grupos de habitantes assessorados por profissionais, universidades, ONGs ou Governos locais, engajados em processos de produção social do habitat e de materialização do direito à cidade. Desde as cooperativas de moradia

por ajuda mútua no Uruguai e Paraguai até os acampamentos autogestionados dos Pioneiros da Venezuela; desde a defesa do território rural por mulheres no norte da Argentina até as ocupações e reconversões de edifícios vazios nas metrópoles brasileiras; desde a organização comunitária pelo acesso a água nos Andes bolivianos até a resistência contra os megaprojetos no pacífico colombiano e equatoriano; desde as lutas por uma reconstrução pós terremoto sem deslocamentos forçados no Chile até a difusão dos “pactos de governabilidade” para incidir nas políticas locais no Peru; entrevistamos mais de 130 pessoas em 64 bairros da região sulamericana para inspirar-nos, aprender e valorizar estas iniciativas transformadoras.

Cosmopolíticas e encantamentos urbanos

Brais Estévez-Vilariño (POSGEO - UFBA)

Nos últimos anos – em meio a forte crise de representação em curso –, um coquetel composto por: 1) altas doses de desafeição política, 2) deslegitimação crescente dos mecanismos convencionais de delegação do poder e de tomada de decisões, 3) profundas suspeitas a respeito da delegação do saber-poder nos técnicos e especialistas, e 4) transgressões das fronteiras entre saber técnico e saber profano, ocasionou uma multidão de transbordamentos democratizadores, dinâmicas de autonomia e inovação. Esta explosão de experimentos cidadãos alternativos a intervirem diretamente na “infraestruturação de novos direitos coletivos” ou na afirmação e o cuidado da vida em ambientes necropolíticos tem trazido para a tona uma série de dispositivos urbanos que, para além de transbordarem o existente, desafiam os paradigmas da teoria urbana contemporânea e os modelos convencionais de governança. Invocando a noção de cosmopolíticas – uma espécie de potência constituinte engajada com as formas de vida, conhecimentos e estéticas que a modernidade colonial subalternizou –, propomos um encontro entre diferentes agenciamentos coletivos que, aqui e agora, articulam espaços de pensamento e ação a partir de problemas ou desejos urbanos concretos. Experiências de emancipação intelectual, experimentação sensível e inteligência colectiva: técnicas de “desenfeitamento” com as que nos proteger da barbárie que se aproxima.